

Correção das questões do guião de observação do filme «Água – As Margens do Rio Sagrado»

III - Questões – resolução em grupo

1. Exponha **três exemplos** de valores importantes na cultura indiana e que estejam em evidência no filme.

R: Um primeiro exemplo de valores culturais indianos é o **respeito pelas crenças e tradições religiosas** (isso é claro nos rituais funerários, nos rituais de rezas, na realização de festivais religiosos, na aceitação das decisões dos pais sobre o casamento); outro valor cultural importante é o **respeito pelo sistema de castas em vigor**, o reconhecimento dos membros que pertencem a castas inferiores e superiores (as castas são um sistema grupo social hereditário, no qual a condição do indivíduo, o seu estatuto, passa de pai para filho. Este grupo é endógamo, isto é, cada elemento só pode casar-se com pessoas do seu próprio grupo). Os Brâmanes (casta superior, retratada por Narayan) e os intocáveis (as viúvas, no caso, Kalyani) são colocados em contraste no filme de modo evidente. Um último valor cultural está ligado ao uso de roupas típicas para identificar a condição ou estatuto social de cada indivíduo, não é por acaso que as mulheres viúvas se vestem de branco e o seu cabelo é rapado, mostrando à sociedade o seu estatuto e importância e, mais relevante, o modo como devem ser tratadas e percebidas socialmente. Também os valores materiais ligados à gastronomia são muito destacados no filme.

2. Exponha **dois exemplos** de *normas informais* referidas no filme.

R: As normas informais são as definidas entre grupos sociais não formais, como as normas estabelecidas entre amigos e familiares, ou entre um grupo social que partilha um estatuto especial, como acontece no filme com a condição de viuvez. Assim, um exemplo de uma norma informal, sobre o que é permitido ou não fazer, pode ser observado na cena do filme em que o cão, chamado Kalu, é guardado num cesto por Kalyani, em conluio com a criança, Chuya, contra as normas instituídas na casa de viúvas. Outra norma informal diz respeito ao consumo de drogas (marijuana) na casa de viúvas por parte da governanta e do seu braço direito, uma prática que é mantida em segredo. Outro exemplo de norma informal: as castas superiores aceitam recorrer a prostitutas de condição social inferior ao seu estatuto para satisfazer os seus desejos. As normas informais não dependem de uma estrutura hierárquica, de um quadro de valores e de normas rígidas, mas sim do acordo voluntariamente assumido entre os indivíduos.

3. Quando se soube que Chuyia estava viúva **tiraram-lhe as pulseiras, cortaram-lhe o cabelo e vestiram-na de branco**. Porquê?

R: Esse ato representa simbolicamente a passagem para a um novo estatuto social de Chuya: a condição de viúva que é reconhecida pelo seu aspeto físico e vestuário. A cena do filme retrata os rituais religiosos que assinalam a nova situação da criança, a viuvez, e a aquisição da simbólica cultural que comunica ao todo da sociedade os seus sinais.

4. Que **alternativas** existem para uma viúva, de acordo com os costumes tradicionais indianos?

R: No início do filme há uma clara referência à passagem dos Vedas que descreve as opções de vida disponíveis para as mulheres viúvas: (a) casar com o cunhado, irmão mais novo do marido defunto; (b) morrer na companhia do esposo defunto, na pira funerária; (c) retirar-se da vida mundana e viver num asilo de viúvas até morrer numa existência frugal e miserável.

5. Que **coisas e atividades** são interditas às viúvas, de acordo com os costumes tradicionais indianos?

R: Existem interdições severas para as mulheres viúvas na cultura indiana e algumas delas são referidas no filme, por exemplo, é proibido o uso de roupas coloridas ou usar cabelos compridos, não podem trabalhar nem passear por locais públicos, ou tocar outras pessoas, não podem voltar a casar-se, não podem ter filhos, não podem constituir família, jamais poderão voltar aos seus antigos lares ou conviver de novo com os seus pais.

6. A que **atividades** podem as viúvas indianas dedicar-se?

R: As viúvas indianas podem dedicar-se à vida de esmola, à mendicância, a uma vida espiritual, afastadas dos afazeres mundanos e dos seus prazeres, esperar pela morte, e informalmente, como parece ser o caso documentado no filme, à prostituição, por motivos primários de pura sobrevivência.

7. Qual é a **justificação tradicional** para o estilo de vida que é imposto às viúvas indianas?

R: Trata-se de uma justificação assente em preceitos, normas e valores religiosos. A esposa é uma parte do marido enquanto este está vivo. E quando o marido morre, a esposa fica meio-morta, numa espécie de limbo entre este mundo e o mundo dos mortos. De acordo com os textos sagrados do hinduísmo (os Vedas, as Leis de Manu), as viúvas quando perdem o esposo perdem metade da sua alma e por isso são comparáveis a seres errantes, a uma espécie de meia-alma: «uma viúva deve sofrer até à morte, preservada e casta; uma esposa virtuosa que permanece pura após a morte do seu marido, vai para o paraíso; uma mulher infiel ao seu marido irá renascer no útero de um chacal». A justificação remete para um padrão de cultura instituído por uma longa tradição religiosa milenar, assinalando claramente o comportamento esperado (a expectativa social) e o estatuto da mulher viúva. A autoridade dos textos sagrados é inviolável e define o que é permitido e o que é considerado um tabu. É preciso não esquecer que há uma crença religiosa bem arraigada na concepção do mundo e da vida dos hindus, a reencarnação da

alma, bem expressa no texto anteriormente referido, e que mostra bem o receio das pessoas em infringir as normas religiosas, para não voltar a este mundo em formas vivas inferiores.

8. Segundo Narayan, qual é a **autêntica justificação** dessa imposição?

R: Na opinião esclarecida e crítica do jovem advogado Narayan, um idealista que defende uma revisão dos costumes tradicionais do hinduísmo, um seguidor de Gandhi, reformista, a verdadeira justificação da imposição religiosa às mulheres viúvas prende-se com a necessidade de controlo social e de preservação do chamado «status quo» das elites religiosas e políticas, é uma expressão da necessidade de conservar o poder por parte das classes dominantes. No fundo, o que interessa é controlar socialmente as classes inferiores para manter o estatuto e privilégios das elites, as castas superiores. Também é uma questão do foro económico: os familiares das crianças-viúvas não possuem poder económico suficiente para suportar os custos de subsistência das filhas caídas em autêntica desgraça social, dado que estão condenadas a uma espécie de exílio ou ostracismo social, sendo-lhes negada qualquer possibilidade de se auto-sustentarem no mundo do trabalho. Os pais abandonam literalmente as suas filhas nos asilos porque é insuportável economicamente mantê-las sob a sua guarda, além de socialmente reprovável.

9. Que comentário faz Madhumati quando lhe dizem que, segundo Gandhi, os **Intocáveis** são filhos de Deus?

R: Reprova e mostra desdém, pois é uma violação clara da ordem social instituída. Num sistema tradicional de castas como o indiano a afirmação de Gandhi representa uma afronta, algo simplesmente inconcebível, coloca em causa as normas sociais estabelecidas. Não há igualdade de tratamento para os seres humanos vistos como membros de uma classe social inferior, a opinião expressa mostra em toda a sua força e clareza o poder do preconceito e o estigma social que lhe está associado.

10. **“Onde fica o lar dos viúvos?”** - Qual foi a reação provocada por essa pergunta de Chuyia? Como se pode interpretar essa reação?

R: As mulheres viúvas que se encontram a rezar juntamente com o sacerdote reprovam a pergunta da criança, pois tal hipótese é, para elas, unimaginável à luz das normas e costumes vigentes na sua tradição, a sua reprovação é igualmente um ato de sujeição, de submissão e conformismo à ordem social instituída e que não desejam ver abalada. As mulheres consideram ser abominável que os homens tivessem o mesmo destino que elas enquanto viúvas, declaram ser horrível tal afirmação, expressam uma atitude de censura e, como tal, reproduzem na crença dominante a sua condição feminina como inferior à dos homens. Desejam castigar a criança pelo que ela disse. As reações do grupo de viúvas são, no limite, uma reprodução fiel de um preconceito social sexista legitimado por uma tradição religiosa milenar. A reação das viúvas à declaração de Chuyia revela como a reprodução social dos preconceitos condena os indivíduos a uma atitude de resignação, de conformismo, de não questionamento sobre a sua «sorte social».

11. Quando cortaram o cabelo a Chuyia e a Kalyani elas não choraram, apesar de ser visível que isso lhes custou muito. Como explicar essa **contenção**?

R: Suportar tal situação como se fosse habitual explica-se pela força da socialização e da interiorização dos padrões culturais rígidos: trata-se de uma situação clara que expressa o conformismo e a obediência dos indivíduos a normas que são obrigatórias cumprir e sem protestar. O controlo das emoções é a prova do poder que a socialização tem sobre a mentalidade dos indivíduos: a educação informal condiciona os indivíduos a conformarem-se e a controlar a expressão das suas emoções: o sofrimento é interior, mas as normas e os costumes devem continuar a ser perpetuados. As emoções são contidas por força dos padrões culturais subjacentes à educação informal a que foram submetidos os indivíduos.

12. O guru religioso, antes de mais uma sessão de cânticos, orações e meditação, diz que a causa dos problemas dos indianos é a **ignorância**. Mas como lida ele com esses problemas? Porquê?

R: O guru religioso interroga Shakuntala sobre toda a sua dedicação e obediência reveladas ao longo de anos, pergunta-lhe se ela sente a liberdade a aproximar-se, dado a Índia estar a atravessar um momento histórico de mudanças sociais e políticas como nunca tinha experimentado na sua história. Ela responde-lhe que se a libertação significa a libertação face aos desejos mundanos, portanto, responde na perspetiva da crença e visão religiosa, então está muito longe de consegui-la. Não se trata, portanto, de assumir uma consciência da liberdade em contexto político. Ora, o guru responde que, aconteça o que acontecer, o que é importante é manter a fé, manter a tradição, respeitar os deuses, viver de acordo com a tradição. No fundo, se o problema é a ignorância, como reconhece o guru, o facto é que prefere conservar a tradição e a própria ignorância aliada ao credo religioso, porque isso é conveniente para a preservação do seu «status quo». A atitude de conformismo, de rejeição da mudança, é a resposta do guru. A ignorância acaba por ser útil para a manutenção do poder das elites. Mesmo a existência da lei, em sede do Direito, que permite às mulheres viúvas viverem livremente, se assim o desejarem, facto revelado pelo guru, continua a ser ignorado, ou pelo menos, é um facto que não é devidamente comunicado ou divulgado, pois é contrário aos interesses instituídos, é um facto que não serve de benefício para quem tem uma posição social elevada, respeitada, e um estatuto com poder.

13. A história decorre numa época em que a Índia era dominada pelos ingleses. Esse facto é referido no filme, mas **nunca se vê nenhum inglês**. Porque será?

R: É uma opção da realizadora. Pretende-se um olhar crítico do povo indiano sobre os seus padrões culturais, mentalidade e modo de vida, rejeita-se a intervenção de um olhar exterior à cultura indiana. O filme é assim um exercício de autocrítica, um olhar que pretende evitar observadores ocidentais e os seus quadros de valores para se focar exclusivamente na forma como os indianos se vêem a si próprios quanto aos seus costumes e padrões de comportamento. Pretende-se também evitar que existissem possíveis acusações de uma visão preconceituosa ocidental sobre os costumes indianos. Pretende-se que o olhar seja cristalino como a água e apenas deixe refletir as vidas, opiniões e dramas de um quotidiano inerente aos padrões culturais indianos, sem interferência de um olhar crítico externo, influenciado por um quadro de valores distinto.

14. O que **simboliza** Gandhi no filme?

R: Gandhi é o símbolo de uma nova Índia, independente do Império colonial britânico, e ao mesmo tempo capaz de rever os seus costumes e tradições arcaicas projectando-se num futuro progressista. Gandhi é o símbolo do inconformismo, a voz crítica de uma nação que deseja independência e renovar-se social e culturalmente, ele é a esperança de todo um povo que anseia por liberdade e progresso. O líder espiritual indiano é a voz da consciência da sua sociedade, do seu povo, apela a uma resistência pacífica, a uma atitude política de desobediência civil face às autoridades coloniais britânicas. Gandhi sabe que o seu apelo espiritual tem uma força de persuasão invencível e usa inteligentemente a força da religião para mudar as consciências e operar mudanças sociais profundas. A mudança social é neste caso uma evidência como um membro da elite pode provocar mudanças sociais profundas e mudar atitudes, valores e costumes.

15. Gandhi disse que antes acreditava que “**Deus é a verdade**”, mas que depois percebeu que “**a verdade é Deus**”. O que queria ele dizer?

R: Há uma subtilidade na afirmação de Gandhi: uma coisa é aceitar Deus como a verdade porque assim o definiu a tradição, a instituição e os costumes religiosos, o que significa aceitar Deus por via da autoridade, da obediência e do conformismo, por ação da pressão social e da socialização. Outra coisa, muito diferente, é procurar por si próprio, de modo autónomo, livre e crítico, o que é a verdade de um ponto de vista pessoal, o que supõe uma atitude de inconformismo, de reflexão pessoal. Não é a verdade que é dada a conhecer ao homem, é o homem que busca e questiona o sentido e valor dessa mesma verdade. Isto é expressivo de uma atitude crítica e inconformista: não se trata de aceitar acriticamente a herança cultural das tradições e as suas normas e valores; trata-se antes de procurar pessoalmente o seu fundamento e verdade por um ato de pensamento livre. Em última análise, trata-se de vencer a ignorância instituída pela reprodução social e procurar ativamente a mudança e compreensão do sentido dos padrões de cultura, das normas e valores instituídos. A voz da consciência de Gandhi mobiliza espiritualmente o seu povo para uma luta pacífica contra o domínio colonial britânico.

16. Quando ocorrem mudanças sociais é frequente existirem pessoas e instituições que **resistem à mudança**. Refira dois ou três **exemplos** de resistência à mudança mostrados no filme.

R: As mulheres viúvas recusam que os homens se sujeitassem ao mesmo tratamento social (reclusão) que elas. Os pais de Chuya nada fizeram para impedir a entrega da sua filha ao asilo de viúvas, e podiam, se quisessem, resistir e romper a tradição. Kalyani podia ter-se recusado a prostituir e abandonar o asilo de viúvas, mas resignou-se e conformou-se, embora tivesse poder para se libertar da sua condição miserável. O pai de Narayan podia recusar receber prostitutas de condição inferior. O sacerdote que acompanha no ritual de oração as viúvas podia deixar de submetê-las à sua obediência. A governanta podia ter evitado o sacrifício da criança quando ordenou o seu braço direito atravessar o rio para o estupro.

17. Como interpreta o **comportamento final** de Kalyani?

R: O desespero de uma vida em sofrimento, a frustração e o choque que sofreu quando soube que tinha feito serviços de natureza sexual com o próprio pai de Narayan, a exclusão social a que foi votada para uma vida sem sentido após ter sido castigada e humilhada severamente pela governanta da casa de viúvas, enfim, a infelicidade de acreditar que a sua vida estava destinada a um vazio, sem poder amar Narayan, motivaram a sua decisão de abandonar a vida no rio sagrado.

18. Shakunstula diz a Chuyia para esquecer a vida que tinha antes de ser viúva, mas depois tenta enviá-la para longe e libertá-la da condição de viúva. Como se explica essa **mudança de atitude**?

R: Trata-se de um momento de tomada de consciência crítica e de revolta moral perante uma realidade que se torna insustentável: nada justifica que uma criança tenha de ser aprisionada para o resto da vida, ter sido obrigada a casar com um homem mais velho e sujeitar-se a um processo de escravatura sexual, prostituindo-se com homens adultos membros de castas sociais ditas superiores. A mudança de atitude foi operada na personagem de Shakunstula a partir de uma experiência traumática provocada pela sucessão de vários acontecimentos (o suicídio de Kalyani, a violência sexual sobre Chuya).

19. Porque é que o filme se chama “**Água**”?

R: A água é o elemento que une todas as vidas em torno de um rio considerado sagrado pela cultura hindu, é nas margens do rio que todo o drama se desenrola, é o elemento purificador, princípio de vida e de morte, a síntese e o palco em que toda a ação toma o seu lugar. Tal como as correntes do Ganges, a vida das pessoas flui ao seu ritmo, seja qual for o seu sentido, ao sabor da tradição milenar, aprisionando vidas de mulheres cujos reflexos nas águas do rio sagrado exibem o seu drama e maldição, um

quotidiano contemplado de forma cristalina e revelador do poder de crenças e tradições religiosas cruéis e cegas para o sofrimento humano.

20. Gostaria que o filme tivesse **terminado de outro modo**? Porquê?

R: Gostaria que houvesse um final feliz, que Kalyani fosse capaz de vencer a tradição milenar e libertar-se para amar Narayan, que o amor terreno vencesse os grilhões da tradição religiosa cruel e acéfala. A morte de Kalyani é, em parte, a morte de uma esperança na mudança dos costumes e isso entristece o espectador. Ao mesmo tempo, marca profundamente a sua consciência crítica acerca da realidade do mundo social e cultural tão diferente em que vivemos, o filme acaba como tem de acabar, sem um final feliz, o que nos incomoda, perturba e inquieta a consciência moral do espectador sobre uma situação tão cruel e revoltante. Não é o melhor fim, mas podemos sempre imaginar um final melhor, podemos conceber um futuro mais promissor para as novas gerações. A morte de Kalyani entristece-nos, revolta-nos, desperta em nós uma consciência aguda da realidade humana observada no filme.

21. A realizadora do filme é indiana. Se ela tivesse outra nacionalidade, a visão crítica da cultura indiana que caracteriza o filme poderia ser considerada uma **manifestação de etnocentrismo**? Porquê?

R: Só poderia ser entendida dessa forma pelos fanáticos religiosos e a partir de um quadro de preconceitos e valores culturais relativistas. Se entendermos que a condição das viúvas na Índia é uma violação grave dos direitos mais básicos das mulheres, que é um atentado às suas liberdades e direitos fundamentais, nomeadamente, o direito de uma pessoa escolher como e com quem deve viver a sua vida e amar, e se este quadro de valor é universal e objectivo, digamos, transcultural, não existe nenhuma interpretação que justifique a acusação de etnocentrismo à realizadora indiana, mesmo que tivesse outra nacionalidade. A sua visão crítica seria a de um olhar de um espectador universal e imparcial.

22. A socialização faz-nos interiorizar os valores e costumes da nossa sociedade. Essa influência, essa pressão social, deixará espaço para a **autonomia individual**? Tomado no seu conjunto, como responde o filme a essa questão?

R: Há liberdade, existe sempre consciência crítica dos indivíduos face à pressão dos padrões de cultura e das normas e valores sociais instituídos, quer dizer, as pessoas podem interiorizar e adotar certos costumes e modos de vida, mas isso não significa que não consigam, de modo livre, pessoal, consciente e crítico, rejeitar e até revoltar-se contra o «status quo», procurando outras soluções e modelos de vida social para além do que está tradicionalmente arraigado. O indivíduo pode revoltar-se, pode dizer não, revelar inconformismo e resistir a modos de vida injustos e que já não encontram valor nem sentido na sua vida. A entrega da criança na última cena do filme, a saída do comboio da estação, é um ato simbólico, um desejo de um futuro mais livre e feliz, é a transição simbólica da velha para a nova Índia, a passagem para uma renovação e mudança da sociedade por parte das novas gerações. Assim como Chuya é entregue a Narayan, do mesmo modo a Índia foi entregue aos indianos e os ingleses tiveram de abdicar da sua «jóia da coroa». Há esperança, haverá um amanhã melhor, as tradições podem ser quebradas e eliminadas, há uma mensagem de um progresso moral e social.